

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC**

**INTRODUÇÃO DOS SABERES CULTURAIS COMO NOVAS  
FERRAMENTAS DE ENSINO NA ESCOLA DA COMUNIDADE  
KALUNGA DO ENGENHO II**

**LUDMILLA DOS SANTOS AGUIAR**

**Planaltina- DF  
2014**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC

INTRODUÇÃO DOS SABERES CULTURAIS COMO NOVAS  
FERRAMENTAS DE ENSINO NA ESCOLA DA COMUNIDADE  
KALUNGA DO ENGENHO II

LUDMILLA DOS SANTOS AGUIAR

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a Universidade de  
Brasília como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciada  
em Educação do Campo  
(LEdoC), com habilitação em  
Ciências da Natureza e  
Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Djiby Mané

Planaltina- DF  
2014

## COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Djiby Mané (Orientador)

---

Ana Aparecida Moura (Membro Interno)

---

José João de Carvalho (Membro Externo)

## **Dedicatória**

**Dedico este trabalho a minha família, em especial as meus pais que são tudo em minha vida e me ensinaram que se acreditarmos em nossos sonhos podemos ir cada vez mais longe.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder esta oportunidade de conhecer este curso, e me deu forças para seguir em frente quando eu acreditava que não era mais capaz, oportunidade de conhecer novas pessoas e novas culturas, pessoas diferentes das quais eu era acostumada a me relacionar.

A minha família, em especial aos meus pais: Elmar Aguiar de Sousa e Lerecy dos Santos Rosa, pela dedicação, apoio, confiança e incentivo ao longo desses quatro anos que proporcionaram-me a conquista deste trabalho.

Agradeço a Associação Kalunga, por esta oportunidade de estudo e de luta pela terra.

As colegas de curso da turma, em especial a Andréia Pereira dos Santos, pela boa convivência, confesso que, tive algumas perturbações no decorrer destes anos, mas no final tudo deu certo, foi uma ótima oportunidade de troca de experiências com pessoas que vieram de outros estados, em especial as minhas amigas (Dandaras) Angélica Gonçalves, Cristina Batista e Núria Renata Alves que, ao longo desses quatro anos si dedicaram a esta amizade que, a cada dia vem se demonstrando ser verdadeira e tende a continuar pelos próximos anos, mesmo distantes umas das outras, e agradeço também aos meus amigos da área de habilitação Cleonice Cezário, Lexandro Ribeiro, Vilmar Costa e entre outros que me ajudaram e contribuíram para o meu melhor desempenho nas aulas do curso de LEdoC.

Aos educadores pela dedicação, amizade e carinho que foi demonstrado durante o curso, aos colaboradores desta pesquisa que permitiram a sua realização, ao meu orientador, por sua colaboração na construção deste trabalho, bem como pelas suas exigências quando necessário e a sua amizade e respeito de cada um.

A coordenação do curso que se empenhou em sempre buscar trazer melhorias para a nossa caminhada durante todos esses anos.

Enfim a todos que contribuíram direto ou indiretamente com a minha pesquisa, lá vai o meu muito obrigado!

*O funcionamento das estruturas de aprendizagem não ocorrem no vazio, processa-se dentro de uma pessoa concreta, que vive num meio físico e social específico, do qual extrai coisas- específicas e em relação ao qual tem motivação e atitudes pessoais. Aprendizagem, portanto, deriva do que o indivíduo é, do que ele pensa e como ele sente uma determinada situação (FLEMING, 1970, p.199).*

## **RESUMO**

Este trabalho de pesquisa tem como tema central Introdução dos Saberes Culturais Como Novas Ferramentas de Ensino na Escola da Comunidade Kalunga do Engenho II. Assim, ao longo deste relatório de pesquisa apresentamos um pouco também sobre a história do povo kalunga, sobre a sua cultura e educação trabalhada em seu contexto escolar e comunitário. Finalmente, apresentou-se o resultado das atividades realizadas no seio da comunidade quilombola investigada, observando de modo mais prático as concepções da comunidade de docentes e discentes sobre o que pensam com respeito à introdução da cultura e dos saberes locais como ferramentas de ensino. A metodologia empregada neste estudo se resume em pesquisa de campo e atividades práticas com moradores, estudantes e alunos do presente território. Atentando-se para as bases teóricas de Arednt (1972), Baiocchi (2006), Brasil (2001), Ungarelli (2009), Santos (2002), Paré (2007), Campos (2011), e Cântia e Boloni (2009), lentes que reforçam sobre os saberes culturais e ecológicos como fontes de intermediação entre os educandos e a sociedade da qual estes fazem parte.

**Palavras chaves:** saberes culturais, ferramentas de ensino, educação quilombola.

## **ABSTRACT**

This research is focused on Introduction of Cultural Knowledge How New Teaching Tools in Kaluga Community School of Ingenio II. Thus, throughout this research report we present a bit too on the history of kalunga people about their culture and education worked in their school and community context. Finally presented itself the result of activities undertaken within the maroon community investigated, observing a more practical way the conceptions of teachers and students about what they think regarding the introduction of culture and local knowledge as teaching tools community. The methodology used in this study is summarized in field research and practical activities with residents, students and students of this territory. Paying attention to the theoretical underpinnings of Arednt (1972), Baiochi (2006), Brazil (2001), Ungarelli (2009), Santos (2002), Pare (2007), Fields (2011), and Cantia and Boloni (2009) lenses that reinforce on cultural and ecological knowledge as sources of intermediation between the students and the society of which they are part.

**Key words:** cultural knowledge, educational tools, maroon education.

## I. LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Território Kalunga .....	17
<b>Figura 2</b> – Medição de Parcelas .....	36
<b>Figura 3</b> – Usando o GPS no cerrado.....	36
<b>Figura 4</b> – O Pequi.....	37
<b>Figura 5</b> – Culinária com Pequi.....	37
<b>Figura 6</b> – A cagaita.....	38

## II. LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Utilidades do Pequi.....	37
<b>Tabela 2</b> – Composição Química da Mangaba.....	37
<b>Tabela 3</b> – Espécies de Plantas do Cerrado.....	38

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	12
1.REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
1.1.Conhecendo O Patrimônio Kalunga E O Quilombo.....	15
1.2.Os Kalungas.....	16
1.3.Educação Na Comunidade Kalunga Engenho II.....	18
1.4.Aproximando A Natureza Da Escola.....	20
2.METODOLOGIA DA PESQUISA.....	21
2.1.Metodologia adotada.....	21
2.2.A comunidade do Engenho II.....	22
2.3.A história da Escola Joselina Francisco Maia.....	23
2.4.Análises Fitossociológicas.....	23
2.5.A Educação do Campo na Comunidade .....	24
2.6.Tradições e Culturas no Engenho II.....	26
3.RESULTADOS DAS ATIVIDADES COMUNITÁRIAS.....	27
3.1.Pesquisa de campo com moradores, estudantes e professores.....	27
3.1.1.A Importância dos Saberes culturais das pessoas mais velhas .....	27
3.1.2.Importância dos saberes culturais e tradições na escola.....	28
3.1.3.As plantas medicinais em sala de aula.....	29
3.1.4.Inserção dos saberes culturais no cerrado.....	29
3.1.5.Importância do componente curricular voltado para a realidade.....	30
3.1.6.O conhecimento científico.....	30
3.1.7.O conhecimento comum ou senso comum.....	31
3.1.8.Importância de professores formados para a educação da comunidade .....	32
3.2.Palestras temáticas: ambiental/biodiversidade e os conceitos de fitossociologia.....	32
3.2.1.Palestra sobre meio ambiente.....	32
3.2.2.Palestra sobre a vegetação local e conceitos de fitossociologia .....	33
3.2.3.Palestra sobre a cultura local.....	34
3.3.Realização de atividade transdisciplinar com os alunos .....	35
3.3.1.Visita ao cerrado.....	35
3.3.2.Visita às cachoeiras.....	38
3.3.3.Análise de plantas.....	39
CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
ANEXOS.....	45

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho foi realizado na escola da Comunidade Kalunga Engenho II, localizada a 27 quilômetros da cidade de Cavalcante Goiás no Sítio Histórico e Patrimônio Kalunga que abrange dois municípios da Chapada dos Veadeiros, Teresina-GO e Cavalcante-GO, e também Monte Alegre-GO. A comunidade Kalunga Engenho II possui 237 mil hectares de cerrado protegido. Sua população Kalunga é uma comunidade de negros, originalmente formada por descendentes dos primeiros quilombolas, ou seja, de escravos que fugiram do cativeiro e organizaram quilombos. Eles passaram a viver em relativo isolamento, construindo para si uma identidade e uma cultura própria. A comunidade é muito conhecida pelas belas cachoeiras, as quais são as maiores atrações turísticas da região, e também uma fonte de renda dentro desta.

Como os seus ancestrais, o povo kalunga adquiriu os conhecimentos necessários para a sobrevivência nessas terras. Isso é notado no cultivo das roças e na preservação da natureza. Essa comunidade é bem preservada e o cerrado tem ampla variedade.

Os sujeitos colaboradores deste processo de formação foram os educandos da Escola Joselina Francisco Maia, os moradores da comunidade, professores e alguns alunos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UnB.

A escolha do presente tema “Introdução Dos Saberes Culturais Como Novas Ferramentas De Ensino Na Escola Da Comunidade Kalunga Engenho II”, tem por finalidade obter uma experiência pedagógica através da ação de conduzir os educandos a terem uma aula diferenciada, integrando os conteúdos específicos e as práticas vividas no dia a dia dentro da comunidade, tendo como intencionalidade integrar os conteúdos curriculares assim propostos pela escola. O interesse por este tema surgiu a partir de uma atividade de campo desenvolvida com alunos da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília (LEdoC / UnB), juntamente com os discentes da Escola Joselina Francisco Maia.

Assim, neste trabalho será percorrido um caminho, tanto para conhecer-se sobre os principais saberes presentes na comunidade kalunga Engenho II,

quanto para analisarmos como estes conhecimentos podem ser aplicados como ferramentas na educação local, visto que o saber é constituído também pelo meio social em que o sujeito vive e se relaciona, tal qual fundamenta Bortoni-Ricardo (2009) em considerar sobre a importância da valorização dos saberes culturais advindos do meio em que o indivíduo vive no processo educacional do mesmo. Dessa forma, a metodologia empregada neste estudo ousa em possibilitar o exercício de atividades transdisciplinares, a partir da realização da pesquisa de campo na comunidade do Engenho II.

Contudo, o problema deste estudo se resume nas seguintes questões: De que forma introduzir os saberes culturais na educação quilombola do Engenho II? E quais são os desafios encontrados para a implementação da transdisciplinaridade na formação do conhecimento local?

A escolha desse tema partiu inicialmente dos primeiros semestres do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDoC), quando alguns educadores começaram discussões tendo como finalidade delimitar o tema para a pesquisa. Portanto, eu tinha um foco que era o cerrado mais não conseguia afunilar o tema, pois, falar sobre o cerrado seria muito amplo. A partir das práticas vivenciadas em tempo comunidade, decidi que este seria o meu tema da pesquisa: “Introdução dos Saberes Culturais Como Novas Ferramentas De Ensino Na Escola Da Comunidade Kalunga Engenho II”. Senti a necessidade, a partir das práticas vivenciadas, de aprofundar mais sobre este método de aulas diferenciadas, mostrando que é possível interligar as práticas de conhecimentos científicos, com o conhecimento comum, sempre mostrando aos educandos e educadores que é possível usar o saber em outros espaços. O interesse por este método de ensino surgiu através de algumas ações fitossociológicas realizadas na comunidade com a participação de alguns educandos da LEdoC e do Prof. Dr. Tamiel Khan Baiocchi Jacobson, educador da Universidade de Brasília, e professor de Biologia na Licenciatura em Educação do Campo.

Após essas experiências didáticas, pude perceber a real importância de se trabalhar a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, bem como de se fazer a observação da natureza como um laboratório de ensino. De fato, precisa-se adequar as escolas do campo a trabalharem de acordo com a realidade de cada local. Contudo, na comunidade Kalunga Engenho II, esta proposta de ensino pode ser aceita com muito entusiasmo por parte dos

educandos da sala, por terem gostado muito dessa metodologia de ensino diferenciado.

O objetivo principal deste trabalho é “Estimular o uso dos recursos naturais e culturais oferecidos na comunidade como uma forma diferenciada de ensino, exercendo assim a prática de conhecimento científico aliada aos conhecimentos comuns, sempre mostrando aos educandos que é possível usar os saberes em outros espaços”, sendo os objetivos específicos os seguintes: Conhecer os saberes da região que podem ser anexados à prática educativa local e as limitações que prejudicam a introdução destes no universo escolar; Analisar juntamente com os educandos o número de espécies de árvores e sua abundância em diferentes tipos de vegetação localizadas na comunidade, sabendo-se que, o cerrado é um patrimônio natural, sendo um bioma considerado um centro mundial de diversidade e realizar algumas práticas fitossociológicas na Escola Joselina Francisco Maia, de forma a utilizar de práticas em análises de vegetação local, e de métodos matemáticos, a partir da contabilização do número de espécies de árvores e da frequência destas.

# 1 REFERENCIAL TEÓRICO

## 1.1 Conhecendo o patrimônio Kalunga e o Quilombo

A palavra Kalunga é atribuída aos descendentes de escravos fugidos, que formaram comunidades autossuficientes formadas por negros remanescentes de quilombo, com população em torno de 5.000 pessoas em mais de 30 comunidades da zona rural, vivendo há mais de duzentos anos em regiões próximas a Chapada dos Veadeiros, nos municípios de Monte Alegre, Teresina de Goiás e Cavalcante (Brasil, 2001).

A comunidade mais populosa está situada no município de Cavalcante-Goiás, com pouco mais de duas mil pessoas, sendo estas distribuídas nas localidades do Vão de Almas, Prata, Vão do Moleque e Engenho II. No entanto, nos dias de hoje, já existem comunidades Kalunga no Tocantins, Jalapão entre outros arredores. Antigamente eram formadas somente de negros, hoje em dia são formadas por miscigenações.

A identidade quilombola vem sendo discutida no Brasil a partir da necessidade da luta pela terra. O critério fundamental para o reconhecimento de uma comunidade remanescente de quilombo, é o reconhecimento de cada indivíduo com a sua descendência. Assim sendo, o processo de conscientização da identidade tornou-se um critério essencial na luta pelo reconhecimento jurídico das comunidades.

Segundo Brasil (2001), a palavra "quilombo" está associada à habitação de negros fugidos que resistiam às tentativas de captura ou morte. Consideram-se remanescentes das comunidades quilombolas, os grupos étnicos raciais, sua maior luta é a emissão dos títulos definitivos de suas terras. São anos de luta para a regularização de nossas terras. O Decreto n. 4.887/2003 Regulamenta o procedimento para a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. Esse Decreto apresenta um novo caráter fundiário, dando ênfase à cultura, à memória, à história e à territorialidade. Uma inovação no Brasil, que é o reconhecimento do Direito Étnico. Em 2009 o

governo federal assinou 30 decretos de regularização de territórios quilombolas em 14 estados brasileiros, incluindo nesse ato, a regularização do território dos Kalungas em Goiás.

Conforme o INCRA (2009) para os remanescentes, esse ato é um marco histórico no reconhecimento legal da regularização fundiária de comunidades quilombolas no País uma vez que repara uma dívida histórica e social. A partir destes decretos é possível dar início aos processos de avaliação dos imóveis que, após a indenização aos proprietários, permitirá que as famílias tenham acesso a todo território e posteriormente tenham o título de domínio definitivo de suas terras, que é coletivo e inalienável. O título coletivo da terra carrega a possibilidade de levar as políticas públicas básicas, como as desenvolvidas pelo Programa Bolsa Família (PBF), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

## **1.2 Os Kalungas**

No que tange à origem da palavra Kalunga, segundo Baiocchi (2006) compreende-se que há interpretações diversas sobre o termo. Palavra africana de origem Bantu, Kalunga estaria ligada à divindade Bantu que se refere ao mar. Refere-se aqui a um determinado local à margem do Rio Paraná em Goiás. Esse nome era de uso restrito, pois designava originalmente uma pequena parte ou um lugar determinado daquela região chamado de Kalunga no Vão do Kalunga ou da Contenda. Atualmente, designa também o povo e toda uma microrregião da Chapada dos Veadeiros. Os moradores da Região, também, atribuem o vocábulo kalunga a uma planta que nunca seca muito, parecida com a lobeira do cerrado, “*csimaba ferruginea*”, tida como o símbolo de poder e ancestralidade.

Além disso, a palavra Kalunga está relacionada à ideia de morte. Nesse sentido, percebe-se uma relação semântica com a impressão que os antepassados queriam dar aos senhores das minas ao desaparecerem nas serras e vãos. O termo Calungueiro passou a ser utilizado desde 1962 para designar os moradores da região do Calunga (BAIOCCHI, 2006)

Todas as regiões brasileiras apresentam áreas remanescentes de quilombos. Porém, existe divergência em relação ao número de comunidades remanescentes. Em todo o país são catalogadas 2.790 comunidades,

revelando panoramas regionais bem distintos. A região Nordeste conta com 1.672 registros, seguida pela região Norte, com 442. No Sudeste, no Centro-Oeste e no Sul encontram-se 375, 131 e 170 registros, respectivamente (ANJOS & CIPRIANO, 2007).



Figura 1: Território Kalunga  
Fonte: <http://agenciarural.gov.br>

De acordo com o segundo Cadastro Municipal dos Territórios Quilombolas, realizado em 2005 pelo Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica da Universidade de Brasília, apenas 70 estão com a situação fundiária regularizada. Ainda de acordo com esse levantamento, nas regiões Nordeste e Sudeste se encontra a maior parte destas comunidades, enquanto a menor parcela está localizada nas regiões Centro-Oeste e Sul. Dentre as comunidades remanescentes de quilombo da região Centro-Oeste, a Kalunga é a mais importante em termos numérico e histórico e está entre as maiores do país (ANJOS & CIPRIANO, 2007).

O território Kalunga está situado na região nordeste do Estado de Goiás, na microrregião da Chapada dos Veadeiros, nos chamados vãos das localidades quilombolas. Esse território situa-se nos municípios de Monte Alegre de Goiás, Teresina de Goiás e Cavalcante do Estado de Goiás. O território de 237 mil hectares, foi reconhecido em 1991, pela Assembléia

Legislativa do Estado de Goiás como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, por meio da Lei Estadual nº 11.409 desse mesmo ano (PARÉ, 2007).

As comunidades Kalungas normalmente estão situadas em áreas de Cerrado. Essa área é caracterizada por relevo acidentado, que dificulta o acesso a essas populações e das comunidades até os centros urbanos. Essa situação foi favorável em tempos antigos, pois mantinha os Kalungas isolados, preservando a identidade do grupo e o protegendo de ataques dos brancos.

### **1.3 Educação na Comunidade Kalunga do Engenho II**

A educação conforme, destacada por Gentile & Bencini (2003), transcorreu de modo difícil até chegar ao povoado do Engenho II, de modo que em 1997 chegou ao Ministério da Educação uma carta de um pai kalunga, do qual não se tem informações na fonte consultada sobre o respectivo nome, sabe-se, portanto, que o mesmo era um morador de um remanescente quilombo no norte de Goiás. Esse indivíduo pedia no então documento que Ele pedia fosse construída uma escola em sua comunidade para que seus filhos não falassem e escrevessem como ele. A auxiliar técnica de educação, Maria Auxiliadora Lopes, iniciou o trabalho educacional mais direcionado na região kalunga de Cavalcante-GO e hoje cuida especificamente da educação quilombola. Sabe-se que a maioria dos adultos é analfabeta e que, assim como as crianças e adolescentes em idade escolar, eles necessitam de um programa educacional que contemple sua história e cultura.

A escola oferece às crianças e adolescentes da comunidade o ensino infantil e parte do ensino fundamental e médio, e há alguns anos tem oferecido também, aos finais de semana, o ensino do telecurso aos moradores adultos.

Para os educadores da região, a realidade da Escola Joselina Francisco Maia antes da LEdoC era a de que os professores percebiam a necessidade de associar os diferentes saberes, para assim buscarem melhorar o interesse dos educandos com relação ao que a escola oferece. Porém, devido à baixa qualificação e à falta da formação continuada, estes professores acabavam por trabalhar na escola apenas o que os livros didáticos lhes ofereciam.

Com a chegada da Licenciatura em Educação do Campo, a realidade da escola mudou, pois hoje há moradores da comunidade em processo de formação sempre visando a melhor a forma de ensino para as crianças e

jovens locais. Através do curso, percebe-se a importância da dinâmica entre as disciplinas e a real necessidade de relacionar o cotidiano das crianças e dos adolescentes, isso, associando-se a educação escolar aos saberes da terra, com o conteúdo curricular proposto. Compreende-se que é possível trabalhar os conteúdos curriculares recorrendo-se a outros métodos, ou seja, não só os livros podem ser empregados, como também pode-se utilizar a natureza e tudo o que está presente na realidade social. Assim, o educador pode fazer uso da dinâmica de se trabalhar a interdisciplinaridade tornando as aulas mais dinâmicas e interessantes.

Sendo assim, para que a escola consiga cumprir seu papel como espaço de construção do conhecimento coletivo e apropriado para todos os membros da comunidade do Engenho II, é importante que os educadores passem por cursos de formação para então, construir a conexão entre os diferentes saberes, além da aplicação em sala de aula dos temas transversais. Este processo continuado de formação dos educadores certamente contribuirá para a inserção do conteúdo curricular formal: língua portuguesa, matemática, ciências, educação física etc., fazendo a conexão com a realidade da comunidade. Somente por esse caminho é que haverá de fato uma aprendizagem contextualizada e para a vida, considerando a sabedoria dos ancestrais dos nossos estudantes aliada aos conteúdos curriculares.

Vale ressaltar que tem se avançado neste sentido no Brasil, com a inclusão do artigo 26 na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que trata da obrigatoriedade do ensino da temática da história e cultura afro-brasileiras nos currículos do ensino fundamental e médio. Contudo, avanços como estes são apenas parte de um amplo processo, de longa duração na história de luta para a inclusão social da população negra no Brasil.

Tem-se a necessidade de atentar-se para o modo inclusivo que é proposto no artigo 28º da LDB:

Art. 28º Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural. (Lei de diretrizes e base da educação- LDB)

Portanto, é perceptível que hoje existe um amparo da lei, em que se pode e se deve colocar nas práticas diárias o uso dos conhecimentos sociais,

culturais e naturais dentro da escola, trazendo-se temas transversais voltados para a realidade local dos educandos, de forma a mostrar para esses a importância dos conhecimentos e saberes de seu povo, de modo que a transversalidade possa ser trabalhada integrando-se as vivências do seu dia-a-dia com o ensino científico que é ministrado por meio do uso do livro.

#### **1.4 Aproximando a natureza da escola**

As aulas desenvolvidas em ambientes naturais podem ser uma metodologia eficaz na ministração do saber na escola, pois assim os alunos terminam por serem envolvidos nas atividades educativas, constituindo-se nesses aspectos a superação da fragmentação do conhecimento. É importante trabalharmos os problemas ambientais, portanto, as aulas fora do espaço escolar são uma ótima contrapartida na relação ser humano e natureza, partindo do pressuposto que quanto mais o aluno aprender sobre os ecossistemas mais ele estará apto a discutir sobre os problemas ambientais e sociais que vem se mostrando cada vez mais frequentes em nossa realidade.

Segundo Machado (1982), só cuidamos, respeitamos e preservamos aquilo que conhecemos e que a nossa ignorância traz uma visão distorcida da realidade. Ou seja, é através do nosso convívio diário com a natureza que iremos conhecê-la melhor e cuidar para que ela sempre nos traga benefícios. Portanto, as aulas de campo fazem com que percebamos a influência que a natureza tem em nossas vidas escolares, isto é, conhecimento para além da sala de aula.

Conforme Santos (2002), as contribuições da aula de campo em um ambiente natural podem ser positivas na aprendizagem dos conceitos na medida em que são um estímulo para os professores, que veem uma possibilidade de inovação para seus trabalhos e assim se empenham mais na orientação dos alunos.

As aulas de campo em ambientes naturais são de fato mais envolventes e motivadoras. Além dos educandos participarem com mais entusiasmo, este método de aprendizagem possibilita uma visão complexa dos fenômenos naturais existentes ao nosso redor, que muitas vezes nem observamos como se deve.

Segundo Arednt (1972) a qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca dele.

Portanto, o que influencia no processo de aprendizagem dos alunos não é somente o fato de se ter um educador qualificado, mas também diversificar o local onde se transmite o conhecimento. Pois, se o aluno estiver à vontade durante as aulas, o seu processo de aprendizagem vai ser mais produtivo e irá absolver mais informações.

## **2. METODOLOGIA DA PESQUISA**

### **2.1 Metodologia adotada**

Nesta pesquisa foram desenvolvidas ações de levantamentos florísticos /fitossociológicos na comunidade Kalunga Engenho II, município de Cavalcante-GO. A atividade envolveu os educandos da comunidade e alguns moradores, sendo, portanto, trabalhadas as seguintes atividades:

- ❖ Pesquisa de campo com moradores, estudantes e professores;
- ❖ Palestras Temas: ambiental/biodiversidade e os conceitos de fitossociologia;
- ❖ Realização de atividade transdisciplinar com os alunos -(visita ao cerrado, análise de espécies de plantas);

Assim sendo, o tipo de pesquisa empregado neste trabalho foi o de estudo de campo, devido ao fato desta metodologia abranger de modo mais próximo os indivíduos investigados, conforme é observado por Gil (2008):

O estudo de campo procura o aprofundamento de uma realidade específica. É basicamente realizado por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações do ocorrem naquela realidade. (GIL, 2008, p.10)

A escolha do tema também surgiu a partir das atividades práticas na comunidade, tendo como anseio promover a compreensão de atividades em termos de interdisciplinaridade, abordando temas diversos de ciências naturais e matemática. Foi uma experiência positiva trabalhando a interdisciplinaridade com elementos naturais em nosso habitat natural.

Trabalhar com esta proposta de ensino pode fazer com que os educandos se interessem mais pela área das Ciências da Natureza, que através da divulgação do curso de Licenciatura em Educação do Campo vem crescendo cada vez mais o interesse dos jovens da comunidade pelas áreas fornecidas pelo curso. Nos tópicos a seguir serão demonstradas algumas informações que contribuem para a percepção dos estudos realizados nesta pesquisa no que tange a comunidade, a sua escola e a educação do campo neste processo.

## **2.2 A comunidade do Engenho II**

A comunidade pesquisada, comunidade do Engenho II, faz parte do quilombo kalunga. Representa um pequeno aglomerado de pessoas, descendentes de escravos que, tal qual é possível verificar em sua história, marcam uma história de conquista até mesmo na busca pela educação e inserção social.

Segundo Ungarelli (2009), o Engenho II vem crescendo muito nos últimos anos, inclusive em sua prática turística, de sorte que entre seus atrativos de ordem histórica, cultural e natural estão: a cachoeira Santa Bárbara, Cachoeira da Capivara, os ornamentos artesanais que, comportam desde a culinária até a feitura de objetos como: quibano ou abano, conchas de madeira, cuias, botijas, pilão, etc.

Hoje a comunidade do Engenho II, bem como fomenta Cântia e Boloni (2009), possui uma rede de eletricidade que beneficia cerca de 72 famílias residentes no povoado. É um importante progresso para os kalungas locais, visto que, há décadas a energia era um sonho irrealizável e difícil de ser efetivado. Além disso, a comunidade hoje possui: escola, posto de saúde, com uma ótima estrutura, acesso a telefone celular, orelhão, televisão, geladeira, ferro elétrico, chuveiro, etc.

De certo modo, não podemos falar sobre o Engenho II sem frisar a sua cultura de subsistência quanto ao uso do solo para a agricultura familiar. Segundo aponta Ungarelli (2009, p.47) “o cultivo de alimentos nas roças, hortas e pomares é parte da cultura kalunga, garante a alimentação e autonomia e ajuda a manter sua cultura, sua saúde e sua força”. Assim, tornamos a pensar

sobre a necessidade de se relacionar a presente sabedoria da vida prática com os conhecimentos da escola. Num plano metodológico, essas informações só mesmo contribuem para a fundamentação do objetivo deste estudo.

### **2.3 A história da Escola Joselina Francisco Maia**

Segundo relatos de moradores, na fase inicial da escola na comunidade do Engenho II, a senhora Joani Ribeiro da Silva, que foi a primeira docente do local, ministrava aulas no povoado, entre os anos de 1962 e 1964. Já a partir de 1973, as aulas passaram a ser ministradas na casa da professora na própria comunidade, pela senhora Joselina Francisco Maia (falecida há mais de 20 anos por complicações em parto). Somente em 1985, o Sr. Felipe Ferreira da Silva construiu uma escola nesta comunidade. Composta por uma sala, uma cantina, e um banheiro feito de alvenaria, a escola atendia alunos de 1ª a 4ª série, em uma mesma sala.

Cerca de 04 anos depois (em 1989), o prefeito sucessor, o Sr. Jorge Cheim, construiu mais uma sala de aula, o que possibilitou a divisão das turmas de 1ª a 4ª série (atuais 2º a 5º ano) em salas diferentes. Atualmente, nessas duas salas funciona o PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

Em 2004, no mandato do prefeito Eduardo Coimbra Passos, foi construído o segundo prédio da escola, nomeada Escola Municipal Joselina Francisco Maia, em homenagem à professora Joselina, que foi a segunda docente do local. Ela é admirada por sua garra. Embora com pouca instrução, não se deteve em transmitir o que sabia para os estudantes locais.

A nova escola construída em 2004 possui 03 salas de aula, 02 banheiros, 01 cantina, 01 sala de aula para uso da secretaria e da biblioteca. No ano de 2008, sob o comando da Fundação Booby Moore, foi construído um terceiro prédio da escola. Esses progressos vem permitindo o aumento de turmas e a abrangência dos ensinos fundamental e médio, evitando-se assim, o êxodo rural.

## **2.4 Análises fitossociológicas**

A escola Joselina Francisco Maia, localizada no povoado do Engenho II, está cercada de uma vegetação típica da região, o cerrado. Este, caracterizado em todas as fisionomias vegetais, tem árvores de galhos retorcidos, e algumas espécies decíduas, como: aroeira, copaíba, ipê, sucupira, buriti, baru, indaiá, entre outras plantas medicinais.

A escola está localizada no centro da comunidade, e as residências ficam próximas do local, ao passo que as lavouras ficam um pouco afastadas. De outro lado, a escola situa-se próxima a um bueiro ao lado dos rios Camundongo e Capivara. Além disso, ela tem uma quadra de esportes, onde nas proximidades encontram-se um barracão para reuniões, restaurante, igreja católica e evangélica, estando todos estes elementos condicionados pela presença da natureza, sendo o povoado cercado por montanhas, árvores nativas como: pequi, jatobá, ingá, bacupari, manga, pau bananeira, carvoeiro, etc.

Como bem se percebe ao longo da investigação no local, a comunidade possui extensa diversidade de plantas. Ela tem um clima tropical, com sensação térmica variando entre 18° C a 34° C, e é uma região de belas cachoeiras.

## **2.5 A Educação do Campo na Comunidade**

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) é um curso regular da Universidade de Brasília (UnB) e realiza-se no sistema de alternância, subdividindo-se em Tempo Universidade (TU) e Tempo Comunidade (TC). O seu objetivo é formar professores e educadores para as escolas do Campo. A Matriz curricular desenvolve uma estratégia multidisciplinar de trabalho docente, organizando os componentes curriculares em duas áreas do conhecimento (habilitações): Ciências da Natureza e Matemática e Linguagens. Anualmente são oferecidas 60 vagas, tendo como público alvo bem específico: moradores ou trabalhadores da área rural que queiram trabalhar como educadores nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

O interessado precisa gostar de atividades pedagógicas e de projetos comunitários. Um dos objetivos da proposta pedagógica é manter os alunos no meio em que vivem, mesmo durante a graduação. Por isso, desde o primeiro semestre, os estudantes alternam o aprendizado no campo com a prática na zona rural. No chamado Tempo-Universidade, há aulas por até 55 dias, com preparação do material que será utilizado na comunidade. Depois no Tempo-Comunidade, os alunos partilham o saber com a comunidade de origem, e aplicam os conhecimentos adquiridos na UnB. Além da alternância, os estudantes também precisam fazer a prática pedagógica e o estágio curricular em ambientes formais de ensino.

Percebe-se que a Educação do Campo vem avançando e conquistando espaço institucional nos órgãos educacionais nos âmbitos federal, estadual e municipais. Já existe toda uma legislação específica para a Educação do Campo, o que foi fruto dos esforços das bases e seus militantes. Destacamos como principal conquista o decreto 7.352/2010 que lança a Educação do Campo como uma condição de política de Estado, que reconhece as especificidades dos sujeitos e realidades do campo e garante uma educação diferenciada.

Torna-se urgente uma política pública que exerça o direito à educação, respeitando as especificidades dos sujeitos do campo, suas diretrizes, pareceres, programas, decretos, instrumentos legais que legitimam a luta dos trabalhadores do campo. Pois a educação é um direito e cabe ao Estado a obrigação de considerar as consequências decorrentes de diferenças e desigualdades históricas quanto ao acesso a tais direitos.

Para Fleming (1999), a aprendizagem é de certa maneira extraída do meio físico e social em que a pessoa vive.

O funcionamento das estruturas de aprendizagem não ocorre no vazio, processa-se dentro de uma pessoa concreta, que vive num meio físico e social específico, do qual extrai coisas- específicas e em relação ao qual tem motivação e atitudes pessoais. Aprendizagem, portanto, deriva do que o indivíduo é, do que ele pensa e como ele sente uma determinada situação. (FLEMING, 1970, p.199)

Meu primeiro trabalho voltado para esta dinâmica de ensino surgiu no Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), na ocasião do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência).

Conforme informações do Edital Nº 002/2010/CAPES/SECAD-MEC – PIBID DIVERSIDADE) os objetivos do PIBID são os seguintes:

- incentivar a formação de professores para a educação básica, contribuindo para a elevação da qualidade da escola pública;
- Valorizar o magistério, incentivando os estudantes que optam pela carreira docente pública;
- Elevar a qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciatura das instituições de educação superior;
- Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- Proporcionar aos futuros professores participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar e que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração, quando cabível, o desempenho da escola em avaliações nacionais, como Provinha Brasil, Prova Brasil, SAEB, ENEM, entre outras;
- Incentivar escolas públicas de educação básica, tornando-as protagonistas nos processos formativos dos estudantes das licenciaturas, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes. (PIBID, 2010)

Atualmente, a educação do campo abrange grande parte dos professores que ministram aulas na comunidade do Engenho II. Percebe-se que esses educadores locais estão sendo neste método mais preparados para exercerem a docência de modo mais inclusivo, visto que, tal forma de ensinar ajuda ao profissional respeitar o direito do outro, entender sobre a necessidade e se formar cidadãos alicerçados pela ética e por uma concepção humana de ver o ensino, a natureza e a si mesmo.

## **2.6 Tradições e Culturas no Engenho II**

De acordo com Ungarelli (2009, p.85), no Engenho II “a fartura das festas também depende da fartura das roças e das chuvas, do suor do trabalho de homens e mulheres”. Esse pensamento de cunho cultural precisa de certo modo ser lembrado no momento de pensarmos nos instrumentos do saber local para compor a educação dos alunos na escola desta comunidade.

Como é possível ainda observar em pesquisas anteriores feitas por Ungarelli (2009) na região do Engenho II, foram identificadas como festas tradicionais: Festa de São João, Festa de São Sebastião, Festa dos Reis, Folia de Santos e de Santo Antônio.

Muito forte é a fé relacionada à folia de Santos, bem como à folia de Santo Antônio (...). As folias são manifestações, onde existe todo um ritual a ser seguido, como, por exemplo, o caminho a ser percorrido pelo grupo de foliões não pode ser cruzado, ou percorrido duas vezes pelo grupo, resultando em grandes voltas na região, para que isso

não aconteça, pois a transgressão do ritual pode resultar na morte de um folião, ou algo muito ruim (UNGARELLI, 2009, p.35).

De certo modo, existe no Engenho II uma dimensão de conhecimentos de cunho tradicional, que por vezes, podem estar deixando de ser considerados na prática da educação local. É preciso reconhecer como necessária a transmissão dos saberes culturais no ensino do campo, a fim de que, não só haja entendimento de que existem estes saberes, mas que também desenvolvam a ação naqueles que estão sendo educados e ensinados.

### **3. RESULTADOS DAS ATIVIDADES COMUNITÁRIAS**

Ao longo deste trabalho de pesquisa foram realizados alguns trabalhos práticos na comunidade do Engenho, levando-se em consideração a necessidade de se praticar os conhecimentos adquiridos no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), especialmente no que tange às Ciências da Natureza.

#### **3.1 Pesquisa de campo com moradores, estudantes e professores**

Em abril de 2014, para fechar as atividades do estudo, foi realizada uma pesquisa de campo que teve a participação de uma amostra de 10 pessoas, entre alunos, professores e moradores da comunidade do Engenho II. A partir do uso de roteiro de pesquisa, com materiais como: caneta, lápis, borracha, e papel A4, esta atividade foi realizada, e o seu resultado é apresentado nos tópicos a seguir.

##### **3.1.1 A importância dos saberes culturais das pessoas mais velhas**

Com base nas respostas de moradores, estudantes e professores da comunidade do Engenho II, percebe-se em 100% a aceitação de que os saberes das pessoas mais velhas são muito importantes, visto que, segundo os

participantes, sem o conhecimento advindo por essas pessoas, não haveria a cultura. Elas são consideradas como sendo fontes de saber para os jovens e detentores dos valores e princípios que ajudam os alunos a viver em sociedade. Por outro lado, os saberes dos mais velhos são vistos pela comunidade como sendo verdadeiros fundamentos para a construção de identidades.

Os moradores afirmam encontrar nessas transmissões de conhecimento, os rumos para entenderem questões relacionadas até mesmo aos seus direitos e deveres, bem como ao respeito que é preciso ter com o outro, com a natureza e animais, como ilustra Marcos Paulo<sup>\*</sup>, aluno do 1ª série Ensino Médio:

“Os saberes culturais das pessoas mais velhas são a identidade da comunidade e, sem identidade não há importância, não há direitos e nem deveres”.

Ainda Segundo as pessoas da comunidade, o saber das pessoas mais velhas é tão importante que, hoje este se constitui como um Patrimônio Histórico. Eles consideram que sem essa sabedoria, o povoado do Engenho II seria como qualquer outro povoado, sem representação histórica ou cultural. E por outro âmbito, segundo os pesquisados, sem este saber, a história kalunga não existiria e nem mesmo seria fácil contá-la ou resgatá-la. Além disso, a atração turística local não aconteceria como acontece, pois há pessoas que saem dos lugares mais remotos do Brasil e do mundo para conhecerem a realidade cultural dos quilombolas do Engenho II. A esse respeito, se posiciona Natália<sup>\*</sup>, Professora do Ensino Fundamental e Ensino Médio:

“Sem saber da origem, ou das raízes do povo da comunidade, não se vive o presente e nem se pode planejar o futuro cultural... e esse saber se encontra nas pessoas mais velhas”.

### **3.1.2 Importância dos saberes culturais e tradicionais na escola**

A partir da pesquisa com professores e alunos, foi possível indagar destes sobre a presença dos saberes culturais da comunidade do Engenho II na escola local. E para a confirmação das hipóteses, vê-se que a grande maioria concordou com esse pressuposto e acredita que esses saberes são fontes de incentivo para as crianças e jovens, que conseguem perceber em seu contexto escolar os assuntos que estão presentes em seu cotidiano. Para Eriene<sup>\*</sup>, uma professora da escola:

<sup>\*</sup>Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.

Trabalhando a cultura e as tradições nas escolas se estimula o interesse dos jovens. Isso faz com que estes sejam estimuladas a não deixarem a tradição dos ancestrais acabar, pois vêm-se motivados a não deixarem com que as riquezas culturais se extingam.

De outra feita, o corpo escolar entrevistado, acredita que os saberes escolares enriquecem cada vez mais o conhecimento do indivíduo/educando, além disso, é algo que se herda e que é propício para uma transmissão futura. Com isso, os saberes repassados permitem aos alunos uma melhor aproximação da história de seu povo, ou ainda de si mesmos e da natureza que os cerca.

### **3.1.3 As plantas medicinais em sala de aula**

No que tange ao estudo de plantas no universo escolar, existe o destaque da relevância desta forma de conhecimento por parte dos pesquisados, que afirmam que, tal estudo envolve saberes científicos e culturais relacionados à natureza. O saber sobre as plantas se torna importante justamente porque fazem parte da cultura local, ou seja, os alunos e pais utilizam dos conhecimentos de seus ancestrais para produzirem os remédios caseiros, que são feitos em forma de chás e garrafadas para curarem diversas anomalias do corpo humano.

O estudo das plantas medicinais que compõem o cerrado da comunidade do Engenho II poderá ajudar no desenvolvimento do aprendizado em geral, ou seja, não só de alunos, como dos próprios educadores e comunidade que, passará a informar-se melhor de outros conhecimentos que poderão complementar os saberes culturais que se relacionam com o uso da vegetação do cerrado.

São importantes os saberes medicinais do cerrado no universo escolar, porque só assim, os jovens, principalmente os jovens, passarão a valorizarem mais os remédios homeopáticos, ou ainda, os retirados diretamente da natureza (remédios caseiros). Pois, muitas pessoas, mesmo residindo na roça, seguem conhecimentos científicos e valorizam mais os medicamentos químicos, que por sua vez, podem trazer consequências adversas, inclusive a dependência química. Na escola onde trabalho e já desenvolvo projetos sobre os saberes culturais, mas ainda a metodologia é pouco estruturada, até mesmo pelo fato de que, muitos professores e alunos estão acostumados a seguirem apenas os programas instituídos nos planos

\*Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.

formalizados, que muitas vezes não contemplam esses estudos direcionados à natureza. (DOROTÉIA\*, professora da escola)

### **3.1.4 Inserção dos saberes culturais no currículo pedagógico**

A inserção dos saberes culturais no currículo pedagógico, segundo demonstram os pesquisados, é de riquíssima importância, necessariamente por sua abrangência e oportunidade de fortalecimento da sabedoria dos advinda dos mais idosos. Essa alternativa poderá ainda, ser mais uma forma de motivação para os jovens que ficarão ainda mais estimulados a não deixarem as suas tradições, o que pode resultar numa geração futura mais interessada em dar continuidade ao que foi repassado pelos pais, avós, etc.

“Acho que isso é um direito para as escolas estarem trabalhando de acordo com a realidade do local, fortalecendo os costumes, que são a prova de nossa identidade. O ensino dos saberes culturais faz com que a comunidade tenha maior importância, para os alunos e principalmente para a qualidade da educação local” (ELIAS\*, agente comunitário de saúde do Engenho II).

De certo modo, os costumes tradicionais não podem ser deixados de lado, e a escola na zona rural é o centro cultural que ajuda os seus participantes a respeitarem e a manterem sua própria cultura (BORTONIRICARDO, 2005).

### **3.1.5 Importância do componente curricular voltado para a realidade**

Um componente curricular voltado para a realidade da comunidade kalunga do Engenho II é o que as pessoas, especialmente àquelas que participam da educação local, desejam. Os pesquisados apontam que, falar da realidade dos alunos é como não estar falando grego com eles, pois deste modo, a linguagem, a aceitação e o entendimento e percepção prática do ensino acabam sendo mais possíveis. Neste aspecto, como bem demonstram os professores pesquisados, o aluno se sente ainda mais valorizado e estimulado a participar das aulas.

Ter um currículo que mostra a nossa realidade de fato, seria de fato mostrar aos jovens como o mundo está violento, ou seja, isso permitiria criar uma compreensão com resultado prático na vida dos alunos que, em vez de guerrearem, teriam maior disponibilidade para dialogarem. (DOROTÉIA\*, professora da escola).

\*Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.

Na percepção dos educadores pesquisados, este tipo de trabalho acaba sendo muito bloqueado devido às limitações dos programas estruturados que devem ser seguidos à risca. Isso acaba retirando a dinâmica das ações, dificultando atividades transdisciplinares na escola acarretando alunos cada vez mais desmotivados.

### **3.1.6 O conhecimento científico**

Ao serem questionados sobre o que vem a ser o conhecimento científico, os pesquisados afirmam que este está relacionado com as teorias bem aprofundadas por cientistas e especialistas em certo caso. Ainda há aqueles que o consideram em relação à arte de se estudar para chegar a um determinado saber, de modo comprovado a partir de métodos e pesquisas de cunho investigativo.

Conhecer as coisas através da ciência nos ajuda a entender melhor o que realmente são os fenômenos naturais, com base em conhecimentos metodicamente comprovados e explicáveis... Já pelo conhecimento comum, somos levados a crer nas coisas que, apesar de não haver pesquisas ou investigações sobre elas, existem e são intensamente reais (ELIAS\*, agente comunitário de saúde do Engenho II).

Como é possível observar, principalmente a classe educadora já possui uma percepção da diferença que há entre o conhecimento científico e comum, como veremos no próximo tópico. Pode complementar que, o conhecimento científico é aquele que é aprofundado e possui expressiva fundamentação teórica, sendo isso provável em sua metodologia e aplicação, o que é visível nos estudos realizados sobre as ciências naturais.

### **3.1.7 O conhecimento comum ou senso comum**

O conhecimento comum é observado pela comunidade pesquisada como sendo aquele tipo de conhecimento que é aprendido de geração em

\*Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.

geração, ou ainda, aquilo que se aprende no dia-a-dia ou com os conhecimentos das pessoas mais velhas. Para a professora Eriene\*,

O conhecimento comum, ou senso comum, é aquele que é repassado de uma geração para outra geração, sendo um conhecimento adquirido através do convívio dentro dos grupos sociais.

De fato, podemos concordar que, o senso comum possui estreita relação com os conhecimentos adquiridos através de nossos ancestrais, dos nossos grupos sociais, das pessoas mais velhas que fazem parte da comunidade com a qual nos relacionamos. Entre esses saberes, encontram-se as percepções relacionadas com a biodiversidade, o planeta, problemas sociais, etc.

### **3.1.8 Importância de profissionais formados para a educação da comunidade**

A presença de professores capacitados para ministrarem aulas, segundo os pesquisados, tem sido algo bastante positivo, comparada a anos anteriores em que poucos profissionais tinham nível superior.

Como bem afirma a comunidade, a Licenciatura em Educação do Campo, tem possibilitado a capacitação dos educadores locais, o que vem permitindo maior preparação na ministração de aulas que, cada vez mais, tendem a valorizar a comunidade, o que é evidente pela permanência dos alunos no povoado, mesmo após terminarem o ensino fundamental. Hoje há professores com qualidade semelhante aos da cidade para ministrarem aulas como: matemática, física, química, biologia, geografia, história, etc.

### **3.2 Palestras temáticas: ambiental/ biodiversidade e os conceitos de fitossociologia**

As palestras realizadas na comunidade kalunga do Engenho II ocorreram durante 03 dias na Escola Municipal Joselina Francisco Maia, na primeira quinzena de dezembro de 2013, abrangendo alunos do ensino fundamental e médio.

\*Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.

### **3.2.1 Palestra sobre meio Ambiente**

A palestra específica sobre meio ambiente foi realizada com as turmas matutinas, vespertinas e noturnas. Foram utilizados os recursos com *data show* e demais mídias, para chamar a atenção dos alunos sobre os problemas relacionados ao trato com o meio em que vivem. Além disso, através desta conversação, buscou-se trabalhar um pouco sobre a necessidade de se preservar os recursos naturais da comunidade, tais como: a água, o solo, o ar, o subsolo, atentando-se para o fato de que esses fatores contribuem para o bem estar da saúde humana, vegetal e animal.

Foi possível “quebrar um pouco a rotina dos alunos e professores”, que estão acostumados a simplesmente estudar as matérias de modo isolado. Nessa atividade, foi possível estabelecer uma forte relação desse tema com a realidade dos alunos. Por outro lado, pode-se destacar a necessidade dos cuidados com o lixo e os seus impactos para a comunidade e para a vegetação do cerrado como um todo.

### **3.2.2 Palestra sobre a vegetação local e conceitos de fitossociologia**

A palestra sobre a vegetação local, que também abrangeu os conceitos de fitossociologia teve uma grande aceitação pelos alunos e professores. Inicialmente, foram sendo apresentadas algumas imagens das plantas da região do cerrado para se estabelecer o reconhecimento herbáceo e arbóreo por parte dos alunos.

Aos poucos foi aberto um espaço para que cada um pudesse falar sobre o seu conhecimento em relação às árvores, frutos ou flores apresentados e os alunos queriam saber onde poderiam encontrá-los. Esse método acabou por fortalecer a ideia de se integrar os saberes científicos com os naturais no currículo pedagógico da escola, visto que, até os alunos presentes na

\*Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.

educação inicial se mostraram empolgados em falar sobre as plantas. Aqueles que erravam os nomes dessas plantas, continuavam participando da palestra.

Posteriormente foi apresentado um pouco sobre os conceitos de fitossociologia, isso de modo dinâmico e didático para facilitar a compreensão dos alunos.

Compreende-se que “a fitossociologia é um ramo da Ecologia Vegetal que busca estudar, descrever e compreender essa associação de espécies vegetais na comunidade” (RODRIGUES; GANDOLFI, 1998).

Por seu lado, Martins (1989) afirma em sua participação no Congresso Internacional de Botânica em Paris no ano de 1954, a definição mundialmente aceita que foi a de que a “Fitossociologia é o estudo das comunidades vegetais do ponto de vista florístico, ecológico, cronológico e histórico”. Nesse sentido, procurou-se desenvolver uma instrução do termo, cada vez mais demonstrando que, este representa um novo saber voltado para aliar os saberes científicos e naturais na compreensão de assuntos da própria natureza.

### **3.2.3 Palestra sobre a cultura local**

A palestra sobre a cultura local (a cultura do povo kalunga do Engenho II e da própria região) foi muito rica em conteúdo e participação dos alunos e professores, justamente por se tratar de um tema muito influente. Como já estava sendo trabalhado nas outras palestras, nesta também se fez o uso de mídia digital, utilizando materiais secundários, ou seja, foram aproveitados vídeos, filmagens e documentários relacionados a esta comunidade para a ministração das informações.

Nesta atividade, não só alunos e professores foram envolvidos, mas também várias pessoas da comunidade local que se disponibilizaram ir à escola para assistir à palestra e ver gravações remotas. As pessoas que participaram se mostraram valorizadas até mesmo pelo registro de sua imagem na tela. Elas reviveram alguns momentos que poderiam estar esquecidos ou vagamente apagados, lembraram um pouco sobre a sua tradição. Confirmaram e tiveram a oportunidade de indagar sobre o que estava sendo falado sobre elas mesmas, sobre os seus antepassados, sobre a história em relação com o espaço e com a biodiversidade do cerrado.

\*Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.

De modo mais representativo, da cultura local foram dialogados os eventos realizados na comunidade, bem como abordou-se sobre a cultura culinária que esta possui. Entre esses falamos um pouco sobre: a festa de São Sebastião, a festa de São João, São Pedro e a festa/folia de Santo Antônio, esta última que somente acontece no mês de julho de cada ano, diferenciando-se de vários locais no Brasil, que comemoram a mesma no mês de junho; ressaltou-se ainda sobre as folias de Reis, a festa das três roças, e a ligação que a natureza possui até mesmo nas atividades de cultivo do solo e produção de alimentos deste quilombo. Além desses trabalhos, foram apresentados filmagens e documentários, que retratavam as danças e músicas representadas por este povo, inclusive a dança da Sussa ou Súcia, bastante difundida na região. A cultura culinária do local foi representada de modo dialogado, portanto, frisou-se sobre os pratos típicos que a comunidade costuma utilizar no cotidiano tais como: farofas, arroz com pequi, arroz com abóbora e carne seca, doces de frutos do cerrado (mangaba, caju), etc.

### **3.3 Realização de atividade transdisciplinar com os alunos - (visita ao cerrado, análise de espécies de plantas)**

As atividades transdisciplinares na comunidade ocorreram em novembro de 2013, e foram divididas em visitas diretas ao cerrado e às atrações turísticas. Além de análise de plantas, em que se obteve a participação de alunos e professores do Engenho II, foram elaborados trabalhos de ordem fitossociológica, no intuito de estimular atividades voltadas para estabelecer a relação do aluno com o meio natural, as quais serão melhores percorridas nos tópicos seguintes: Visita ao Cerrado, visita às cachoeiras locais e análise de plantas.

#### **3.3.1 Visita ao cerrado**

A visita realizada ao cerrado teve como ponto de partida o prédio da Escola Municipal Joselina Francisco Maia. Houve a participação de alunos das turmas de 8º e 9º ano, bem como de seus respectivos professores. Essa visita buscou necessariamente aproximar os alunos do meio natural, utilizando esse método como mais uma maneira de se trazer os saberes culturais e da Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.

natureza para a realidade educacional dos estudantes. Ali, fomos identificando algumas espécies de plantas, também as características vegetais de cada uma, a sua utilidade medicinal e mesmo, buscou-se entender sobre a aplicação de algumas espécies no campo da culinária local.

Entre essas plantas identificadas estão: O pequi – o qual possui valores diuréticos, sendo empregado no preparo de conservas e temperos diversos na culinária; a mangaba, a cagaita, o buriti, a mamacadela, e o caju, que são utilizados para a feitura de geléias e doces, teve-se ainda representações do fruto do tingui e bacupari, sendo que, alguns desses possuem efeitos terapêuticos e entre outros benefícios medicinais.

Cabe ainda frisar que, neste estudo houve a instrução aos alunos sobre o uso do GPS, sendo também realizada a medição das parcelas e diâmetros referentes a distribuição das arbóreas no cerrado, para se fazer junto aos educandos o levantamento florístico, conforme demonstração a seguir:

Figura2: Medição de parcelas



Fonte própria.

\*Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.

Figura 3: Uso do GPS no cerrado



Fonte própria.

Seguem abaixo quadros informativos que representam um pouco sobre as plantas identificadas na visita ao cerrado do Engenho II.

Tabela1: Utilidades do pequi

Indicações	Parte usada	Preparo e dosagem
<b>a.</b> na asma, bronquite, coqueluche	<b>a.</b> óleo da castanha	<b>a.</b> extrai-se o óleo das sementes e pinga-se 3-5 gotas na comida ( 2X ao dia).
<b>b.</b> na asma, bronquite, coqueluche e resfriados	<b>b.</b> caroços	<b>b.</b> deixar ferventar 15-20 caroços de pequi, escorrer a água até os caroços secarem. Colocar em um frasco de vidro e completar com óleo vegetal previamente esquentado. Utilizar o óleo 2x ao dia nas principais refeições ou dissolver 1 colher de café do óleo de pequi em 1 colher de café de mel e tomar 2x ao dia.
<b>c.</b> afrodisíaco e tônico	<b>c.</b> caroços	<b>c.</b> deixar por vários dias 15-20 caroços de pequi em repouso na cachaça. Tomar 2 colheres de sopa ao dia.

\*Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.

Fonte: Rodrigues e Carvalho 2001b



Figura 4-O Pequi

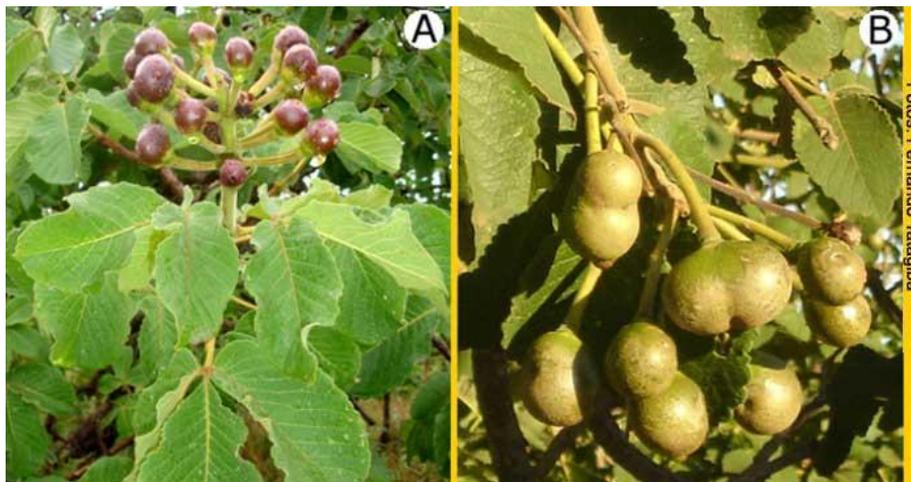


Figura 5: Culinária com Pequi



Figura 6: A Cagaita

\*Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.



**Cagaiteira com frutos verdes no pé. Brasília, Núcleo Rural Boa Esperança II, 26 de setembro de 2006.**

**Tabela 2: Composição química da Mangaba**

Composição química e valor energético de 100g da polpa de Mangaba.											
Calorias	Glicídios (g)	Proteínas (g)	Lipídios (g)	Ca (mg)	P (mg)	Fe (mg)	Vitaminas				
							A (mcg)	B1 (mcg)	B2 (mcg)	C (mcg)	Niacina (mcg)
47,5	10,50	0,70	0,30	41	18	2,80	30	40	40	33,0	0,500

Fonte: Site [biologo.com.br](http://biologo.com.br)

### 3.3.2. Visita às cachoeiras

A visita às cachoeiras também foi uma ferramenta importantíssima para se trabalhar de método mais interativo com os alunos e seus educadores. Na atividade, houve a participação específica de alunos que estão fazendo o ensino médio na comunidade do Engenho II. Nessa visita, realizou-se uma análise das plantas e vegetação que servem como proteção para a cachoeira, ou seja, foram observadas as matas ciliares que integram as cachoeiras da Santa Bárbara e também da Capivara. Além disso, foram observadas as características da água, bem como se havia lixo ou qualquer outro objeto indesejável ferindo a preservação ambiental do local.

Esta atividade tomou praticamente um dia dos participantes, que levaram para a sua realidade acadêmica um novo conhecimento,

\*Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.

conhecimento este que está presente na própria natureza e que pode servir de fonte para novos saberes.

### 3.3.3. Análise de Plantas

A análise das plantas ocorreu junto aos alunos que, tiveram a oportunidade de conhecer novos nomes para as espécies já estudadas cientificamente. Em suma, nesta atividade houve a apresentação em slides e também a demonstração em estande de algumas amostras do cerrado.

A análise das plantas se deu através da simples ação de reconhecimento ocular de algumas espécies de plantas junto aos educandos, tais como: Araticum, Barbatimão, Baru, Jatobá do cerrado, tingui, pau terra, cagaita, mangaba, pequi, caju, etc. De certa feita, devido não se dispor na atividade de recursos para o exercício de métodos de análise mais aguçados, via-se a planta e fruto respectivo e buscava-se numa tabela informativa os nomes científicos e comuns dos mesmos.

Os alunos se viram intensamente interessados pelos estudos trazidos por esta metodologia que ensina utilizando os saberes da sociedade e da natureza, conforme é descrito na tabela abaixo, que discorre sobre as arbóreas do cerrado.

Tabela 3 – Espécies de plantas do Cerrado

ESPÉCIES TÍPICAS DO CERRADO	
NOME CIENTIFICO	NOMES POPULARES
<u>Vatairea macrocarpa</u>	<u>Angelim do cerrado</u>
<u>Annona crassiflora</u>	<u>Araticum</u>
<u>Astronium fraxinifolium</u>	<u>Gonçalo Alves</u>
<u>Dimorphandra mollis</u>	<u>Falso barbatimão</u>
<u>Swartzia sp</u>	<u>Banha de galinha</u>
<u>Stryphnodendron adstringens</u>	<u>Barbatimão</u>
<u>Dipteryx alata</u>	<u>Baru</u>
<u>Zeyheria digitalis</u>	<u>Bolsa de pastor</u>
<u>Mauricia vinifera (M. flexuosa)</u>	<u>Buriti</u>
<u>Eugenia dysenterica</u>	<u>Cagaita</u>

\*Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.

<u>Salvertia convallariaeodora</u>	<u>Colher de vaqueiro</u>
<u>Dalbergia miscolobium</u>	<u>Caviúna do cerrado</u>
<u>Lafoensia pacari</u>	<u>Dedaleiro</u>
<u>Machaerium opacum</u>	<u>Jacarandá do cerrado</u>
<u>Hymenaea stigonocarpa</u>	<u>Jatobá do cerrado</u>
<u>Curatella americana</u>	<u>Lixeira</u>
<u>Didymopanax macrocarpum</u>	<u>Mandioqueira</u>
<u>Hancornia speciosa</u>	<u>Mangaba</u>
<u>Alibertia edulis</u>	<u>Marmelada de bola</u>
<u>Byrsonima verbacifolia</u>	<u>Murici do cerrado</u>
<u>Guazuma ulmifolia</u>	<u>Mutamba</u>
<u>Vochysia haenkeana</u>	<u>Pau amarelo</u>
<u>Qualea grandiflora</u>	<u>Pau terra</u>
<u>Caryocar brasiliensis</u>	<u>Pequi</u>
<u>Salacia sp</u>	<u>Saputá ou Bacupari</u>
<u>Bowdichia virgilioides</u>	<u>Sucupira preta</u>
<u>Tapirira guianensis</u>	<u>Tapiriri</u>
<u>Magonia pubescens</u>	<u>Tingui do cerrado</u>
<u>Virola sebifera</u>	<u>Ucuuba ou Pau de sebo</u>
<u>Ouratea exasperma</u>	<u>Vassoura de bruxa</u>
<u>Hirtella glandulosa</u>	<u>Vermelhão</u>

Fonte: site [biologo.com.br](http://biologo.com.br).

## CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho de pesquisa, é possível compreender que a comunidade kalunga do Engenho II, possui importantes resquícios do passado que podem ser utilizados como metodologia de ensino. Existe sede nos alunos por uma metodologia educativa que contemple mais os saberes culturais, que abranjam de modo especial os trabalhos voltados para o campo da natureza, do saber sobre o cerrado, e suas características, algo que, pouco é fomentado nas salas de aula.

Enquanto professores do campo, não podemos deixar de levar para as salas de aulas as ferramentas que fazem parte do contexto da história, cultura, tradição e natureza que são evidenciadas no dia-a-dia do povo quilombola residente na comunidade do Engenho II. Por outro lado, se nós não fizermos isso, daqui a alguns anos iremos nos deparar com o desprezo e abandono da história, bem como com o baixo conhecimento dos fatores fitossociológicos, presentes na natureza.

É importante fortalecer sobre a necessidade de se valorizar também as lutas do povo kalunga que, escolheram a comunidade aqui estudada para residirem. Esse povoado é um dos mais prósperos no sentido de infraestrutura \*Pessoa da Comunidade do Engenho II, o nome não é fictício.

básica, embora ainda exista muito a ser feito para que a qualidade de vida e a relação do homem com o meio ambiente seja ainda mais representativa. No campo escolar, percebemos que existe de fato toda uma demanda social, por parte de professores e alunos pela prática de atividades mais interativas e dinâmicas e que resultem no emprego dos conhecimentos comuns em consonância com o emprego dos conhecimentos científicos.

Esse trabalho nos possibilitou perceber o quanto é relevante a manifestação da cultura do povo kalunga. Dessa forma, perguntamo-nos por que não passarmos a agregá-la na prática e ministração do saber escolar? De certo modo, na cultura e história quilombola, a natureza, por exemplo, as fases da lua, as estações do ano, a vegetação, entre outros aspectos são extremamente decisivos na vida comunitária, tendo assim este aglomerado, fortes princípios e valores que, por vezes são pouco desenvolvidos nas grandes cidades brasileiras.

Percebe-se que a educação do campo tem de fato transformado a prática educativa na escola do Engenho II, em que já tem professores formados pela LEdoC e, que de certo modo, estão aprendendo a superar desafios e dificuldades, e assim, estão empenhados em ministrar aulas cada vez mais transdisciplinares, atentando por uma nova educação que visa o desenvolvimento de sujeitos agentes e capazes de utilizar a cada dia a democracia através do conhecimento adquirido nos estudos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, R. S. A.; CIPRIANO, A. (Org.). **Quilombolas**: tradições e cultura da resistência. São Paulo: Aori Comunicação, 2007 - 206 p

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BAIOCCHI, Maria de Nazaré. **Kalunga**: povo da terra. 1ª Ed. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola e agora?** São Paulo: Parábola Editorial, 2005- 245p.

BRASIL. **Uma história do povo kalunga** / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília-DF: MEC, SEF, 2001.

CAMPOS, Edilberto S. Dias (coord.). **Relatório Final do Estudo Diagnóstico**: o turismo nas comunidades Kalunga do Vão de Alma, Vão do Moleque e Engenho II – potencialidades, desafios, dificuldades e ações para o desenvolvimento do turismo cultural, rural e ecológico de base comunitária, sustentável e inclusivo. Brasília: Fundação Banco do Brasil (FBB) – Instituto para o Bem Estar do Funcionalismo Público (IBESP), 2011.

CÂNTIA, Aline; BOLONI, Leonardo. **Projeto Brasil Quilombola**, UFMG, 2009.

EDUCAÇÃO DO CAMPO. Disponível em: <http://www.unb.br/alunodegraduacao/cursos/educacaodocampo>. Acesso em 12 dez 2013.

FINDLAY, Eleide Abril Gordon. **Guia para apresentação de projetos de pesquisa**. Joinville, SC: UNIVILLE, 2006 - 26 p.

GENTILE, Paola e BENCINI, Roberta. **Construindo Competências – Entrevista com Philippe Perrenoud, Universidade de Genebra**. Revista Nova Escola, setembro de 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MACHADO, L. R. **Educação e divisão social do trabalho: contribuição para o estudo do ensino técnico industrial brasileiro**. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1982.

MARTINS, F. R. **Fitossociologia de florestas no Brasil: um histórico bibliográfico**. Pesquisas - série Botânica, São Leopoldo, 1989.

OLIVEIRA, R. (org.). **Uma História do Povo Kalunga**. Brasília. Ministério da Educação – MEC, 2001.

PARÉ, M. L.; OLIVEIRA, L. P. de; VELLOSO, A.D. **A educação para quilombolas: experiências de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da Comunidade Kalunga de Engenho II (GO)**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 27, n. 72, p. 215-232, 2007.

RODRIGUES, R.R.; CARVALHO, Disponível em: [.http://biologo.com.br/plantas/cerrado/pequi.html](http://biologo.com.br/plantas/cerrado/pequi.html). Acesso em 01 jan 2014.

RODRIGUES, R.R.; GANDOLFI, S. **Restauração de florestas tropicais: subsídios para uma definição meteorológica e indicadores de avaliação de monitoramento**. In: DIAS, L.E.; MELLO, J.W.V. (Ed.). Recuperação de áreas degradadas. UFV, Viçosa, 1998.

SANTOS B. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da Experiência**. São Paulo: Cortez; 2002.

TERRITÓRIO KALUNGA. Disponível em: <http://www.agenciarrural.gov.br>. Acesso em: 15 dez 2013.

## **ANEXOS**

### **QUESTIONÁRIO DE TCC**

1. Qual é a importância dos saberes culturais das pessoas mais velhas para a comunidade Kalunga Engenho II?
2. Você acha importante que os saberes culturais e tradicionais sejam trabalhados nas escolas? Se sim por quê?
3. O que você acha da ideia de trabalhar o estudo das plantas medicinais do cerrado na escola da comunidade kalunga Engenho II? Por quê?
4. O que você acha das escolas estarem inserindo em seu currículo pedagógico os costumes tradicionais.
5. Qual a importância de se ter um componente curricular voltado para nossa realidade?
6. O que você entende por conhecimento científico e por conhecimento comum?

7. Pra você qual a importância de se ter profissionais formados e capacitados da nossa comunidade?